



PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, LDA.
GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA
Telef. 36 69 12 - 32 64 54

EXPRESSO		AVANTE	
SEMPRE FIXE		PORTUGAL SOCIALISTA	
TEMPO		POVO LIVRE	
O JORNAL		ALAVANCA	
NOVA TERRA		UNIDADE	
VOZ PORTUCALENSE		LUTA POPULAR	
O País	7.9.74	PODER POPULAR	

monólogo a dois
por **Bernardo Quintela**

O cavalo de Tróia...

MADEMOISELLE Pintasilgo, nos intervalos do seu Governo à Consignação — já que lhe foi entregue como e enquanto quiser — tem vindo a desdobrar-se em numerosas entrevistas aos mais diversos órgãos estrangeiros de Comunicação Social.

Tamanho interesse dos nossos colegas do lado de lá de Vilar Formoso pela personalidade da nossa primeira primeiro-Ministro justificar-se-á por variadas razões, das quais, por falta de espaço, alinharei apenas as quatro que se me afiguraram mais importantes.

Principalmente, por ser uma senhora — o que é pouco vulgar, mesmo em quadrantes geográficos onde a consuetudinária supremacia masculina constitui já estimável peça de museu. Além disso, por se tratar de uma intelectual, «avis rara» num País onde a cultura, por via de regra, anda associada à batata e ao pepino, e tudo quanto ultrapasse esta simplicidade se circunscreve, quase sempre, às edições do senhor José Vilhena ou, de forma mais esparsa, às desbordantes actividades histórico-profissionais do senhor José Hermano Saraiva. Em terceiro lugar, porque, com mais esta experiência, se retoma uma tradição de quase 40 anos, qual seja a de entregar o usufruto do velho casarão de S. Bento a um celibatário, embora, no caso actual, as botas de pelica negra tenham sido substituídas por uns sapatos vermelhos de salto alto, a religiosidade monástica haja dado passo a uma mística pós-conciliar e a falta de contactos com o estrangeiro seja, hoje, ultrapassada pela frequência dos areópagos internacionais. E, por último, porque *Mademoiselle* Pintasilgo dispõe de 100 dias para mostrar o que vale — se é que, alguém, no final, lhe vai pedir responsabilidades, ou a quem se lembrou de a nomear...

Estávamos porém a falar de entrevistas da senhora Primeiro-Ministro. A última das quais, e reporto-me à data em que escrevo, terá sido a que concedeu à revista francesa «F. Magazine», publicada em Agosto e surgida entre nós na passada segunda-feira. Tudo o que o senhor de referida entrevista deve-o ao semanário «Expresso», que li nas paragens onde me encontro a gozar férias, e de que me valho, com a devida vénia, para transcrever a passagem que mais chamou a minha atenção.

Perguntada sobre o porquê de ter sido Procuradora à Câmara Corporativa no Consulado de Marcelo Caetano, respondeu *Mademoiselle* Pintasilgo: «Entre intencionalmente para a Câmara Corporativa porque cada vez que um projecto de lei nela era discutido, havia naturalmente um voto acompanhado de explicações. Graças à publicação dos debates no jornal oficial, eu podia fazer ouvir a minha voz quando não estava de acordo. Numa época em que a liberdade de Imprensa era nula eu aproveitei para me exprimir. Para dizer não».

Fica, desta sorte, esclarecido um dos aspectos menos claros do passado político do actual Chefe do Governo, esse de que os seus detractores o vinham acusando, tentando demonstrar-lhe as flutuações ideológicas. Como subtilidade, dificilmente se encontraria exemplo mais perfeito, actuação mais acabada! Nem mesmo o senhor Sá Carneiro — que foi deputado na última Assembleia Nacional — agiu tão maquiaveliticamente, porquanto, ao descobrir, demasiado cedo, o seu jogo, se viu forçado a interromper o mandato parlamentar, só regressando de novo ao Parlamento após o 25 de Abril. Enquanto que *Mademoiselle* Pintasilgo, por via da sua inteligência e, vamos lá, da estupidez dos próceres caetanistas, conseguiu sempre levar a água ao seu moinho, primeiro na Câmara Corporativa e, mais tarde, noutras funções de não menor importância, normalmente só atribuídas a gente de confiança do antigo regime...

Este comportamento, agora revelado, da senhora Primeiro-Ministro, será inteiramente original? Apoio-me na História para concluir pela negativa. Como forma de actuação foi utilizado, há muitos séculos, em Tróia, quando os romanos introduziram, na cidade, alguns soldados escondidos no bojo de um cavalo de pau. No que se refere às explicações de *Mademoiselle* Pintasilgo, fazem-me lembrar, salvas as devidas proporções, as que foram dadas, aqui há uns anos, pelo senhor Adolf Eichman, quando, ao ser responsabilizado pelo extermínio de uns largos milhões de judeus, respondeu que se limitara a cumprir ordens dos seus superiores. Justificação que, apesar de autêntica, não encontrou qualquer receptividade por banda dos seus implacáveis julgadores, a demonstrar que, infelizmente, não vale a pena uma pessoa dizer a verdade, porque nem sempre os seus contemporâneos lhe dão crédito...

A corajosa explicação da titular do V Governo não caiu, no entanto, em saco roto, e estou em condições de afirmar que o seu hábil quinta-colunismo ganhou já alguns adeptos, todos eles tencionando utilizá-lo em proveito próprio, por se sentirem protegidos com o exemplo do seu patrono.

E, assim, ninguém se admire se, um dia destes, o senhor Silva Pais vier pedir ao Tribunal de Santa Clara que apense, ao interminável processo do «Caso Humberto Delgado», uma sua declaração manuscrita, em que afirme ter sido um agente duplo, servindo, sabe Deus com que riscos, a ex-PIDE/DGS, que dirigia eficientemente, e a KGB, a quem, durante a ditadura salazarista-marcelista, remetia, diária e pormenorizadamente, informações sobre a temperatura do senhor Oliveira Salazar, o número de vezes que o senhor Marcelo Caetano ia à casa de banho e o quantitativo dos repastos do senhor Ramiro Valadão no Tavares...

Ou ainda que, mais mês menos mês, o senhor Álvaro Cunhal, com expressa autorização de Sua Santidade o Papa João Paulo II, venha revelar, aos portugueses estarrecidos, a sua filiação, de longa data, na Ordem dos Carmelitas Descalços, onde, de quando em vez, e a pretexto de férias socialistas na Crimeia, se mortifica em retiros da mais rigorosa penitência...

Fundaç